

GAZETA da comunidade chinesa de Moçambique, 1858 1975

N.º 1, Primavera 2003 – Coord. Eduardo Medeiros

Nota de apresentação

Entre 1858 e 1975 formou-se, desenvolveu-se e extinguiu-se em Moçambique uma importante e dinâmica comunidade chinesa, com núcleos principais na Beira e em Lourenço Marques. É esta comunidade que a *Gazeta* pretende recordar com documentos encontrados nos arquivos e com testemunhos da história oral. Procuraremos deste modo reavivar o passado e deixar um legado para a História daquele território durante o domínio colonial português.

Convidamos os membros da comunidade e seus descendentes, assim como os interessados na História de Moçambique do século XX a participar neste exercício da **Memória**.

Toda a correspondência deverá ser enviada para o NESA-CIDEHUS.

As comunidades Chinesas na África Oriental

Em 1829, os colonos britânicos importaram a título de experiência para as plantações de cana-de-açúcar da Ilha Maurícia quarenta trabalhadores chineses. Foram os primeiros *coolies* contratados para as possessões coloniais do Oceano Índico Ocidental. Seguiram-se outros para a África do Sul e demais territórios sob domínio inglês e francês. E foi assim para Moçambique com a chegada à Colónia de 30 chineses em 1858. Há também uma vaga referência a trabalhadores chineses na construção da linha de caminho de ferro que ligou Lourenço Marques a Komatipoort, todavia não foram ainda encontradas provas decisivas. A mesma lacuna histórica existe para a participação de trabalhadores chineses na construção da linha férrea Beira-Umtali.

Em 1860, depois da segunda Guerra do Ópio com a Inglaterra, o governo imperial manchu decidiu autorizar pela primeira vez o que já existia clandestinamente desde o início do século a emigração de chineses destinada sobretudo a servir de mão-de-obra para os grandes trabalhos nas colónias europeias na Ásia do Sudeste, Ilhas e terras continentais do Oceano Índico Ocidental. Os *coolies* chineses estavam em moda na altura, e todos os administradores europeus pensavam ter encontrado a solução para os seus problemas de mão-de-obra. Contudo, a experiência nem sempre foi um sucesso. Mas em alguns países, essa imigração foi o ponto de partida para a formação das comunidades chinesas locais. A situação política e económica na China, e em particular nas províncias do sul, sobretudo na de Cantão, conduziu a várias e continuadas diásporas. A formação da comunidade chinesa de Moçambique esteve relacionada, como mostraremos, com este movimento migratório.

O Clube Chinês

Em Outubro de 1922, realizou-se uma assembleia geral da colónia chinesa da cidade que decidiu a criação de um **Grémio** para ser reconhecido pela Companhia de Moçambique e pela administração colonial portuguesa. Na reunião foram discutidos e aprovados os estatutos da colectividade que passou a designar-se **Associação de Beneficência "A Oriental"**. A primeira direcção ficou constituída por Chen Hen Chin Pim, presidente, Eruil Shung Chin, secretário, e Ng Deep, também secretário. A 5 de Dezembro do mesmo ano os associados Ah Quin, Man Min, Hoo Yuen e Chin Hon requereram à Secretaria Geral da Colónia a aprovação dos referidos estatutos.

Pouco tempo depois, mas já em 1923, a Companhia de Moçambique, em concordância com as autoridades portuguesas, autorizou a legalização da associação na cidade da Beira. Os principais objectivos da agremiação resumiam-se a prestar assistência moral e material aos associados e a outros chineses em situação difícil e promover eventos sociais, culturais e festivos.

O edifício do **Grémio** ficou concluído em 1923. Era então um dos prédios mais altos da cidade erguidos em alvenaria e passou a ser conhecido nos meios coloniais por **Clube Chinês**.

Fonte: Eduardo Medeiros, O Clube Chinês da Beira (Moçambique). *Revista Macau*, IIª Série, n.º 73, Maio, 1998:26-33.



Basquetebol - Para o Torneio de Preparação de Basquetebol da Beira, o Atlético Chinês derrotou ontem à noite no campo do S.L.B. o Desportivo, por 43 a 29. Alinharam e marcaram pelo Atlético: Poo Quin (10), Fone Guine (15), Sing Sin, John Ping (14), Wing Son (2) e Voi You (21). Pelo Desportivo: Amado (1), Monteiro (4), Vela (7), Matos Santos (1), Moreira (4), Melo Pereira (12), Guerra, Peixoto e H. Santos Fonte: *Diário de Moçambique*, 20.01.1951.

Os Pioneiros

No dia 19 de Fevereiro de 1858, pelas 4 horas da tarde, fundeu neste porto da Ilha de Moçambique a galera portuguesa *Adamastor*, vinda de Macau, numa viagem de 62 dias, com 30 operários chineses de diversos ofícios, sendo 8 carpinteiros, 12 pedreiros, 4 ferreiros, 4 cobreiros, e 2 picadores de pedra que o governo da Metrópole, deseioso de promover o melhoramento e progresso desta importante possessão mandou engajar em Macau, para introduzir nesta província trabalhadores laboriosos, e sóbrios, que poderão com o seu exemplo, e com o seu trabalho utilmente aproveitado servir de grande vantagem a esta Província. Nesta mesma tarde desembarcaram, e depois de serem interrogados como era possível, e bem recebidos e tratados pelo Governador Geral, este lhes mandou provisoriamente dar quartel na casa chamada do Ouvidor, e lhes mandou fornecer mantas para seu abrigo, encarregando os seus Ajudantes de procurar que os recém-chegados tenham todas aquelas comodidades que for possível dar-lhes para que eles não estranhem demasiado a mudança para terra tão estranha aos seus hábitos. Todos os chineses parecem de boa constituição, e bem dispostos; todos vêm muito asseados, e alegres; e é possível que não obstante chegarem na pior quadra do ano, em vista dos hábitos de sobriedade e de trabalho que os caracteriza, a sua constituição os preserve suficientemente da influência fatal do clima. Podemos afiançar que da parte do Governo não haverá a menor negligência ou falta de cuidado em relação ao bom tratamento a que estes úteis indivíduos têm direito. O seu engajamento é de oito anos, e o Governador de Macau cujo zelo é tão conhecido diz ter tido dificuldade em ajustar estes operários com as condições com que vieram por quererem as vantagens que aquelas com que estes vieram. O Capitão da galera *Adamastor*, Manoel Francisco de Souza, soube preencher esta comissão de um modo digno de elogios, evitando a menor queixa dos colonos que transportou, e apresentando-os sãos e contentes.

Fonte: *Boletim do Governo Geral da Província de Moçambique*, n.º 9, Sábado, 27 de Fevereiro de 1958, (Parte não Oficial). [CIDEHUS](#).



Fonte: Fotografia gentilmente cedida por Miss Ken Len

Ja Assam

Foi dos primeiros, senão o primeiro imigrante chinês a instalar-se em Lourenço Marques no ano de 1880. Era embarcação num navio da linha que ligava o Oriente aos portos da África Austral. Carpinteiro de profissão, tornou-se construtor civil na terra firme e também comerciante com a família que entretanto tinha formado. Tornaram-se donos de um prédio, dito Ja Assam, com frente para o Bazar, fazendo uma curva na esquina da actual 25 de Setembro com a Karl Marx (antes era ali o LM Bazar, uma loja enorme para a época, sendo hoje o Centro Cultural Brasileiro) e ia até ao Marta da Cruz, outra loja grande, mesmo em frente do Banco (hoje de Moçambique, na altura BNU). Nesse mesmo prédio, a última loja do lado do Banco, era mesmo dos Ja Assam, onde vendiam artigos desportivos. Os descendentes já eram chineses moçambicanos de segunda e terceira geração. Como empresários de sucesso frequentavam a sociedade laurentina do Hotel Polana e do Clube de Ténis. Os da geração de quarenta andaram na Escola Comercial e foram estudar para Portugal [José Moreira].

Man Kay & Irmãos

Um dos mais modernos estabelecimentos de Lourenço Marques

SECÇÃO:

CAMISARIA — CHAPELARIA — SAPATARIA

Perfumaria, atalhados. — Artigos para Senhora e criança, etc.

Avenida Paiva Manso, n.º 45

LOURENÇO MARQUES

Fonte: *Roteiro da cidade de Lourenço Marques*, Coord. Constantino Tobias Durão, LM, Minerva, 1946.